

Vestígios de Espinosa no classicismo literário de Goethe

Doutorando Marco Fontanella (UNICAMP/IEL)

A identidade entre existência e perfeição é apenas uma das teses espinosanas adotadas por Goethe. A investigação recente têm apontado várias, das quais boa parte presta-se a novas interpretações de suas obras literárias e teóricas. Situado num momento em que a fortuna crítica de Espinosa na Alemanha sofria sua mais acelerada transformação, convivendo com alguns de seus protagonistas, Goethe ainda teve ocasião de pôr suas convicções à prova do kantismo de Schiller. Relegado à margem da recepção escolástica da filosofia transcendental e contudo bem informado a respeito, não é surpreendente que tenha feito uso hábil de sua situação e que sua produção literária o ateste. A presente comunicação dá conta da tese de doutorado em andamento de seu autor, cujo foco são precisamente os vestígios das leituras de Espinosa na obra literária clássica de Goethe.

Palavras-chave: literatura alemã, Goethe, Espinosa

Não obtiveram sucesso os esforços de Goethe por ser tido como bom espinosano. Em meio à sucessão de ataques sofridos por Espinosa no final do Setecentos alemão, ele sustentava que o filósofo não negaria a existência de Deus, mas sim que afirmaria a mais rigorosa unidade entre Deus e a existência. Frente aos dilemas postos pelo tradicional problema do dualismo entre corpo e alma, optou pela convicção espinosana de que a substância pensante e a extensa sejam uma e a mesma. Não lhe passou despercebida tampouco a sucessão de promissoras conseqüências de que, conforme a célebre sétima proposição do segundo livro da **Ética**, a ordem e a conexão das idéias sejam as mesmas daquelas das coisas. Instado a justificar seus estudos científicos, partiu dessas implicações. Deste ângulo, seria de esperar que abundassem os estudos sobre as relações entre Espinosa e os mais diversos aspectos da obra de Goethe. Porém, se seus contemporâneos não o levaram a sério, tampouco a posteridade assumiu até o fim a tarefa de pensar a conexão entre ele e seu filósofo preferido.

Os estudos da segunda metade do século XX sobre a relação de Goethe com temas filosóficos evidenciam quão pouco as reminiscências espinosanas no corpo literário de Goethe foram tomadas como ponto de partida para a investigação científica. Não por serem ignoradas, mas por terem-nas como dificilmente exploráveis. Já desde o início desse século a opinião desfavorável de Wilhelm Dilthey a respeito veio a valer muito mais que elas ou a tradição anterior de estudos espinosanos sobre Goethe, em favor de estudos sobre influências exclusivamente germânicas sobre o mais célebre escritor alemão, num espírito consoante ao clima intelectual entre 1933 e 1945 e, residualmente, influente por ainda alguns anos.

Goethe seria antes um poeta que um cientista, ele se dirigiria então à filosofia somente com o objetivo de confirmar seus pontos de vista. Sentindo-se confirmado, abandonaria os livros de filosofia e voltaria à poesia. Um bom exemplo desta posição é Gundolf, que, por ocasião do centenário da morte de Goethe, em 1932 portanto, afirmou, pouco após haver caracterizado Goethe “não como um sistemático, mas como alguém que pauta seus pensamentos conforme a ocasião (*ein Gelegenheitsdenker*)”, que a recusa ao pensamento filosófico escolar seria o estorvo para conferir dignidade de pensador ao poeta. Ora, esta não é uma refutação de pendores filosóficos em geral, apenas uma afirmação, bastante simples, de gosto pela empiria. Neste momento, Gundolf deixa-se mover por um impulso afim ao que movera Dilthey, segundo o qual o período literário de Lessing a Goethe e Schiller deve ser concebido não apenas como uno, fechado em si, estreitamente comprometido com a filosofia dominante de Kant a Hegel, expressões representativas da fisionomia intelectual do século XVIII tardio.

Este desvio de perspectiva histórica obscurece como a filosofia transcendental e o espinosismo conviveram nos finais do século XVIII, ao perder de vista interesses em jogo já nos inícios do iluminismo alemão, que conduziram as metamorfoses da figura de Espinosa e sua obra. A figura esteticamente tratada de Espinosa conferiu-lhe uma espécie de segunda vida que freqüentemente interfere mesmo nas leituras de intenção mais propriamente filosofante. Curiosamente, ela muitas vezes acabou por produzir preconceitos, ao invés de despertar interesse pelo pensamento que representa.

Não é fácil combater certos preconceitos seculares, que remontam à própria época do encontro de Schiller com Goethe e os inícios do idealismo. O **Tratado teológico-político** teria ficado para trás, nas rivalidades entre denominações cristãs no distante início do século, anteriores ao tempo de Frederico II, a **Ética** seria uma fonte maravilhosa de inspirações e devaneios orientais, mas não de pensamento em sentido forte; ao passo que a filosofia transcendental forneceria argumentos revolucionários e sólidos, seguros, para uma filosofia alemã, um pensamento novo. Esta não só foi a opinião de alguns oitocentistas: silenciosamente, mesmo hoje ela determina a conduta de muitos historiadores do século XVIII. Daí a premência em alcançar clareza sobre as condições que forjaram a circunstância do espinosismo na década de 80 do século XVIII alemão.

Com o mesmo recurso, o confuso agregado do “misticismo” de Goethe adquire contornos mais nítidos. Pois seu entendimento de Espinosa muitas vezes foi adjetivado, sem mais, de místico, ao sobrepor-se, sem critério, o pensamento da imanência e o emanativismo. Sendo a espinosana imanência da causa no efeito um princípio diretor da investigação, isto é, sendo a fortuna crítica uma parcela da produção do trabalho da obra, o recurso à história é incontornável. Caso não se atente às condições que possibilitaram a peculiar leitura goetheana de Espinosa, é inevitável classificá-la como mística e cessar de refletir.

Mas esta é uma consideração sobre o misticismo que, desde logo, define o fenômeno desde o exterior. Definindo-o desde dentro, isto é, segundo a opinião daqueles que no Setecentos alemão tomavam a si próprios como místicos, Espinosa não seria tão facilmente dado como tal. Sua capacidade em conhecer o divino por meio da razão causou evidente recusa entre místicos como Peter Poiret, não há como definir este traço da doutrina como místico. Se esta consideração basta quando se toma o adjetivo “místico” conforme as linhas mestras de sua definição, por outro lado a história do misticismo alemão liga-o por relações bastante complexas à do Iluminismo, e é através deste caminho que se pode acompanhar a metamorfose do “cabalista” Espinosa ao “filósofo racionalista” Espinosa.

A correspondência entre Jacobi e Mendelssohn sobre a alegada confissão espinosana de Lessing veio a constituir-se na mais relevante controvérsia sobre o espinosismo no século XVIII. A reação de Herder à publicação destas cartas, seus diálogos publicados sob o título de Gott em 1787, merece destaque quer por suas qualidades intrínsecas (uma resposta das mais pertinentes que a época deu ao problema), como pelo significado que assumiu entre as leituras de Goethe na Itália. Assim, o retorno de Espinosa ao primeiro plano ainda demoraria. Para uma distinção inicial serve, portanto, que se diga que o período de 1699 a 1744 marcou um primeiro período das leituras de Espinosa na Alemanha e que outro período seguiu-se daí a 1785, quatro anos após a morte de Lessing, com a primeira publicação das cartas de Jacobi. Com elas, o debate estendeu-se a um público muito maior.

Goethe e Jacobi eram parentes distantes e por quase toda a vida mantiveram intercâmbio de idéias, em geral conflitivo. Herder foi quem mais apoiou as leituras espinosanas de Goethe e um dos principais adversários de Jacobi em seu combate contra

Espinosa. Supor que o poeta poderia ter vivido candidamente alheio à discussão contemporânea sobre a **Ética** é, portanto, um erro.

Jacobi deu início à polêmica sobre o espinosismo, também conhecida como polêmica sobre o panteísmo, ao declarar em carta a Moses Mendelssohn que Lessing ter-se-ia declarado espinosista no decorrer de um diálogo (sobre o poema **Prometeu** de Goethe) e que de fato o era, sem dúvida alguma, pois revelaria do espinosismo o mais fatal defeito: não acreditaria em uma causa do mundo exterior a ele. Lessing seria um partidário da tese antiga segundo a qual “do nada nada se faz”, proveniente das especulações pré-socráticas e que teria, na modernidade, seu mais zeloso defensor em Espinosa e nos cabalistas em geral (para Jacobi, a cabala seria um espinosismo confuso). Não acreditando em uma causa exterior do mundo, não acreditaria em Deus. Sendo ateu, seria também e por isso mesmo um niilista. Não seria capaz de aceitar o princípio fundamental de todo o conhecimento, que Jacobi via exclusivamente na fé. Somente pela revelação divina o conhecimento humano é possível, assim reza o credo jacobiano, que pela mesma razão condenava Wolff e mesmo Leibniz. Sem a fé, diz Jacobi, não há Deus, nem liberdade. Somente ela permitiria reconhecer lugar a ambos.

Mendelssohn, amigo muito próximo de Lessing, saiu em sua defesa (já falecido à época), não cessando de combater Jacobi e ser por ele e pelos seus combatido até a morte. Herder publicou, em 1787, uma sucessão de cinco diálogos filosóficos intitulada **Gott**. Neles, faz a apologia de Espinosa e ataca, com inclusive algum sarcasmo, as posições de Jacobi. Se estes diálogos são pouco conhecidos hoje, à época tiveram bons leitores. Goethe os leu quando chegava ao extremo sul da península italiana, relatando imediatamente o contentamento em recebê-los pelo correio pouco após a edição. Chegaram-lhe em um momento especial, quando já havia recolhido muitas das impressões que fora colher na Itália, inclusive sobre botânica, e deveria retornar ao norte. A antiga divergência entre Goethe e Jacobi, porém, dará lugar à a ruptura definitiva somente muito tarde na vida, mas exatamente pelas mesmas razões que afastaram os primos no início de suas conversas sobre Espinosa, tomando forma literária em “*Groß ist die Diana der Epheser*”.

Além do conflito com Jacobi, as discussões com Schiller sobre liberdade, história e filosofia em geral dão boa noção do quanto as preocupações de Goethe o afastaram do entusiasmo pelo advento da filosofia transcendental. Afinal, mesmo o conceito de história somente poderia ser pensado até o fim por ele segundo categorias da história natural: pois ali encontrava-se o nó de sua concepção de ciência. Desde sua perspectiva, Schiller não poderia senão revoltar-se contra esta situação. De qualquer forma, é de uma perspectiva totalmente diferente daquela de Jacobi que se abre a polêmica entre os dois clássicos de Weimar.

A referência mais extensa de Goethe a Espinosa é a abertura do décimo sexto livro de **Poesia e verdade**. Na mesma obra há outras passagens similares, mas ali se encontra o texto ao menos mais célebre. Muitas cartas, a **Viagem à Itália** e outros escritos autobiográficos estabelecem nexos claros com o filósofo. No fragmento sobre o Judeu Errante naturalmente a referência se estabelece, segundo indicações posteriores do próprio escritor. Claro, a ode a **Prometeu** sempre volta a ser debatida: não somente sobre se ela realmente poderia haver expressado o que se quis nela encontrar durante a polêmica do panteísmo, como se ela efetivamente pode ser lida, hoje, como uma tomada de posição contra o antropocentrismo. Kurt Christ sintetiza as comparações sob cuja orientação Jacobi entende a poesia de Goethe ao afirmar que aos olhos de Jacobi o panteísta teria roubado a Deus sua personalidade e o lançado em meio à dor assim como Prometeu roubou o fogo do Olimpo. O panteísta, isto é, Goethe ou Espinosa, teria igualado Deus à mera, morta matéria.

Outras poesias também apresentam interpretações que levam em conta a possível abordagem espinosana, como os poemas órficos. Os romances e algumas passagens do Fausto receberam já algumas leituras espinosanas (convincentes em diferentes graus). Dos escritos científicos, muito já foi relacionado ao espinosismo, com bons resultados. De fato, o conhecimento destes estudos fornece o mais direto impulso inicial para a análise do material literário – a não ser, talvez, pela consideração aturada do material autobiográfico.

Em **Poesia e verdade**, no início do décimo sexto livro, ao defender o valor de Espinosa, Goethe recorre a um argumento característico da segunda metade do século XVIII: reconhecer “a árvore pelo fruto”, julgando que um homem de boa conduta não poderia ser ateu. Que evangelicamente se deveria dizer que um homem bom é um homem cristão – que uma boa conduta agrada a divindade e que somente por querer agradar-lhe, por reconhecer-lhe, alguém voluntariamente assumiria uma conduta justa. Tal ponto de vista não está, de modo algum, insuperavelmente distante de um Mendelssohn (em **Jerusalém**, especialmente, mas também, de modo menos óbvio, em seu recurso à prova ontológica da existência de Deus).

O escritor recorre a este argumento ao criticar um antigo biógrafo de seu filósofo, ao mesmo tempo que nega apreciar controvérsias. Pouco antes, porém, no livro XV, orgulhara-se do efeito histórico inesperado da poesia sobre Prometeu, a qual, segundo ele, trouxera segredos inconscientes a público. Aos poucos, abandona o campo destas imprecisões e contradições de juízo e sua memória se foca progressivamente em seu tema. Folheia livros de sua biblioteca e assim a conjuração do passado, páginas adiante, ganha mais precisão nos detalhes, até chegar o momento de narrar o primeiro concerto na casa de Lili Schönemann. É característico nestas reminiscências a imprecisão (especialmente cronológica) e a variação temática.

Deixando de lado as recordações sobre os efeitos psicológicos da **Ética**, já bem conhecidos desde o livro XIV destas memórias, Goethe dispõe-se a desenvolver melhor seu pensamento. Longamente, mas sem recorrer à ambigüidade, divaga sobre temas diversos até, na chave de uma breve dissertação moral, concluir que renunciar é um imperativo moral fundamental. Paulatinamente, até mesmo a personalidade é preciso acostumar-se a ir perdendo – assim como o “ateu virtuoso de Amsterdã” precisou ver desfigurada sua reputação desde cedo na vida. Feito o diagnóstico do mal, qual terapia prescreve a natureza? Confiar-se mais ao efeito positivo de certa leveza de ânimo – ou mesmo de leviandade. Mais adiante, no mesmo texto, ficará claro o que se tem em mente: a embriaguez com que a juventude conduz-se evita-lhe tropeços de outros modo desastrosos. Para compreendê-lo, tenha-se em mente a mais leviana das companhias de Wilhelm Meister, Philine: seu destino pôs-lhe no caminho o igualmente leviano Friedrich e a ambos reservou uma formação notavelmente bem-sucedida; está-se em presença do autor de **Wilhelm Meister**, estilizando sua própria vida como uma narração formativa. Nela, as particularidades forçosamente se perdem – como um certo velho, ao ditar sua autobiografia, esqueceu-se das particularidades de cada proposição da **Ética**, já se sabe desde alguns parágrafos. Goethe recorda nitidamente os efeitos de sua leitura e prefere falar deles.

Não por julgar-se inepto, mas precisamente por prudência e respeito. Pois, assim lhe parece, ninguém logrou entender por completo o feito de Espinosa: elevado à máxima altura do pensamento por uma cultura que o singulariza, não seria o protagonista de **Poesia e verdade** que decifraria seus últimos mistérios. Pelo contrário, a modéstia do narrador obriga-o a eliminar esta ambição. A experiência ensina: um autor de obras mal-interpretadas sente satisfação ao afastar de si a pretensão a esgotar o sentido de uma obra alheia. Para além disso, sua concepção de artista permite-lhe um

descompromisso bastante proveitoso diante de polêmicas filosóficas, acusações de misticismo e confissões de fé intelectual.

Mas a posição do artista também oculta armadilhas: tanto Goethe ocupou-se com a idéia de ficcionalizar elementos da biografia de Espinosa ao incluí-los no plano de uma obra sobre a figura do Judeu Errante, com tanto zelo e prazer antecipado pelo sucesso que esperava ter, que acabou deixando este projeto de lado, negligenciando-o.

Não resta dúvida, a figura do Judeu Errante perseguiu Goethe: de outro modo, ele não haveria observado, ao dele se lembrar em certo momento na Itália, que os favores dos demônios e os das musas podem atingir o homem no momento errado e não frutificar. Ele jamais logrou aproveitar a inspiração da figura de Ahasvero. No próprio livro XV de **Poesia e verdade**, Goethe dá longa notícia de sua ocupação com sua figura logo antes de abordar a “pólvora” da ode a Prometeu. O que importa notar, desde logo, são duas peculiaridades: que o vínculo de “Prometeu” com Espinosa se reforça ao constatar-se seu outro vínculo com a rebeldia do nem sempre bem-vindo Judeu errante, bem como a curiosa admissão de que o estorvo à conclusão do trabalho a seu respeito teria sido um excessivo gozo antecipado do sucesso.

Após esta confissão, Goethe dispõe-se, pela segunda vez neste livro, a dar conta do que aprendeu de Espinosa. Mas já não fala de renúncia, e sim de natureza¹.

Die Natur wirkt nach ewigen, notwendigen, dergestalt göttlichen Gesetzen, daß die Gottheit selbst daran nichts ändern könnte. Alle Menschen sind hierin, unbewußt, vollkommen einig. Man bedenke, wie eine Naturerscheinung, die auf Verstand, Vernunft, ja auch nur auf Willkür deutet, uns Erstaunen, ja Entsetzen bringt.

A divindade, não Deus, diferencia-se da natureza, e isto como algo a ela subordinado, que age sem alterar as regras dadas por esta. E em seguida começa-se a entender melhor o sentido da leviandade, *Leichtsinn*, adiantada acima, quando Goethe passa a falar de animais, plantas, crianças e poetas. A mão da natureza os move, sábia.

Goethe, o naturalista, chega a divagar longamente sobre a comoção sentida por quem pela primeira vez encontre uma mimosa sensitiva ou admire-se com o desenho inteligente das folhas de bananeira. Em seguida, voltando ao tema da moralidade, relata a comoção que atinge a percepção da humana capacidade em agir contra a própria razão e produzir atos moralmente horrendos, na mais flagrante contradição com a idéia de racionalidade humana. Por fim, ao completar a menção explícita a Espinosa neste livro, relata estas diversas comoções a ele, em alusão clara à impossibilidade de o homem governar-se como fora um império num império. Nada mais classicamente espinosano, o tema de abertura da terceira parte da **Ética**.

Todo este longo excursus, iniciado com o tema de que nunca nos advém um acidente isolado, de que é preciso saber encontrar o que a cada qual convém, e encerrado em remotas considerações biológicas e éticas, deságua na justificação da *Erlebnislyrik*, a poesia da expressão imediata da experiência.

É preciso formar-se em contato com a natureza, com sua espontaneidade – esta espontaneidade que de fato é o reconhecimento da necessidade natural e dá ao método de composição de Goethe o freqüente caráter de poesia de ocasião. A isto liga-se o classicismo de Goethe. O próprio recurso aos antigos é nele um ato de liberdade, o que a muitos poderia parecer um contra-senso: pois a imagem ordinariamente ligada à de classicismo é a de aferramento a regras obsoletas, e contudo em Goethe trata-se

¹ GOETHE, 1998, vol. X, p. 79, GOETHE, 1986, vol. II, p. 507: “A natureza age de acordo com leis eternas, necessárias e de tal modo divinas que a própria divindade não poderia alterar nelas o que quer que fosse. Nesse ponto, todos os homens estão de acordo sem o saber. Pense-se no assombro e mesmo no terror produzido por um fenômeno natural que revele inteligência, razão ou mesmo vontade!”

exatamente do contrário, compor como os clássicos é ser livre, livre das convenções que seu meio pretenderia impor ao afazer literário. O clássico obedece ao imperativo da natureza, liberdade conjugada à renúncia ao arbítrio. É nestes quadros que o tema do dom da poesia se conjuga ao espinosismo no livro XVI.

Somente se forma aquele que se põe a caminhar, um pouco por toda parte, a provar-se a si mesmo na medida em que busca conhecer a singularidade daquilo que se lhe depara: como consta em **Bedeutende Fördernis durch ein einziges gestreiches Wort**, Goethe não acredita no ditado “conhece-te a ti mesmo” exatamente porque não haveria, para ele, um caminho introspectivo que conduzisse ao autoconhecimento: é o conhecimento das coisas singulares que traz o conhecimento de Deus, para glosar o quinto livro da **Ética**. O mesmo princípio de espontaneidade da produção artística aplica-se, pois, à pedagogia do herói do romance de formação e às errâncias que fazem tão imprecisa a cronologia da autobiografia em **Poesia e verdade**.

Dentre os aspectos daquele espinosismo que chegou a influenciar Goethe, alguns poucos já foram bastante divulgados, muitos são ainda pouco conhecidos, e não são estes os menos interessantes. Nenhum estudioso do conceito de natureza na obra científica de Goethe ignora Alfred Schmidt. De fato, a obra científica já foi bem melhor investigada quanto ao que aqui se discute. Ao menos desde os trabalhos de Martin Bollacher, as convicções espinosanas de Goethe tornaram-se novamente, como antes da II Grande Guerra, motivo de investigações de fôlego no campo literário. Os estudos goetheanos vêm produzindo mais e mais trabalhos a respeito ano a ano, como facilmente se verifica junto às obras de referência bibliográfica do campo.

Não tão facilmente, contudo, determinar-se-ia a que direção apontariam tantos novos livros e artigos científicos. Muitas vezes o que se nota é a ênfase não na relação entre o conjunto da obra de Espinosa e Goethe, mas em aspectos bastante pontuais, sem remissão a contextos mais genéricos. O caminho do resultado particular para a generalidade da fortuna crítica dos autores fica, portanto, por trilhar.

Referências bibliográficas

BOLLACHER, Martin. **Der junge Goethe und Spinoza. Studien zur Geschichte des Spinozismus in der Epoche des Sturms und Drangs**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1969.

CHRIST, Kurt. “Antinomien der Überzeugung“ oder „Wunderliche Zwiespalt“: ein Beitrag. Zur Freundschaftsbeziehung zwischen Goethe und Jacobi und ihrer Rückwirkung auf das Werk Goethes. In: **Euphorion**. Volume 88. Heidelberg: 1994, Caderno 4.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Memórias: poesia e verdade**. Tradução de Leonel Vallandro. Segunda edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. Dois volumes.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Werke. Hamburger Ausgabe in 14 Bänden**. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1998.

GUNDOLF, Friedrich. **Rede zu Goethes hundertstem Todestag (1931/32)**. Disponível em: URL: <http://staff-www.uni-marburg.de/~gloning/gundgoet.htm>. Acessado pela última vez em 1 de dezembro de 2006. Texto-base impresso, Berlim: edição “Bei Georg Bondi”, 1932.

HERDER, Johann Gottfried. **Gott. Einige Gespräche.** In: **Schriften zu Philosophie, Literatur, Kunst und Altertum. 1774-1787.** BRUMMACK, Jürgen e BOLLACHER, Martin. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1994.

JACOBI, Friedrich Heinrich. “Schriften zum Spinoza-Streit”. In: **Werke.** Gesamtausgabe herausgegeben von Klaus Hammacher und Walter Jaeschke. Volumes 1,1 e 1,2.

SCHMIDT, Alfred. **Goethes herrlich leuchtend Natur. Philosophische Studie zur deutschen Spätaufklärung.** Munique: Carl Hanser, 1984.

SPINOZA, Baruch de. **Oeuvres complètes.** Texto traduzido, apresentado e anotado por Roland Caillois, Madeleine Francès e Robert Misrahi. Paris: Gallimard, 2002. Coleção “Bibliothèque de la Pléiade”.